

Brasil, 15^a economia do mundo

Estudo prevê que país pode perder posição por tamanho do PIB até o fim do ano. Índia, Holanda e Austrália passariam à frente

SÔNIA ARARIPE
EDITORA DE ECONOMIA

O Brasil poderá encerrar este ano não mais com a 12^a posição no ranking das maiores economias do mundo. Se estiverem certas as projeções da consultoria Globalinvest, corremos o risco de fecharmos 2003 como a 15^a economia, sendo ultrapassados pela Índia, Holanda e Austrália.

De acordo com o estudo, os Estados Unidos deverão encerrar o ano com um Produto Interno Bruto – que é a soma das riquezas produzidas por um país – de US\$ 10,8 trilhões. Na vice-liderança deverá estar o Japão, com um PIB de US\$ 4,1 trilhões (confira na tabela). A 12^a posição, que até 2002 era ocupada pelo Brasil, deverá ficar com a Índia, seguida pela Holanda e Austrália. A economia brasileira promete estar em 15^o lugar.

– Não há motivos para comemoração. O cenário internacional é, sem dúvida, sombrio. Mas boa parte da culpa por essa performance é resultado das políticas econômicas implementadas nos últimos anos – afirma o economista Fernando Pinto Ferreira, autor do estudo e sócio-diretor da Globalin-

vest.

O grande problema apontado pelo levantamento é que a economia brasileira foi a que mais perdeu posições no ranking nos últimos tempos. Em 1998, éramos a 8^a economia do mundo. Desde então, fomos ultrapassados pelo Canadá, México, Espanha e Coreia. E as projeções para até o fim deste ano indicam que a trajetória ainda está ladeira abaixo.

Economia brasileira foi a que mais perdeu posições















– Ninguém discute que política monetária apertada é uma necessidade. A discussão é quanto à dose do remédio amargo. Temos juros exorbitantes, muita dívida e pouco crescimento. Se a economia não voltar a crescer logo, teremos mais desemprego e o apoio ao governo diminuirá, gerando menos suporte político e mais dificuldades na aprovação das reformas – prevê Ferreira.

Não é a primeira vez que o economista da Globalinvest trabalha com previsões de PIB em dólares: a pesquisa é feita desde 1998. Como é assunto controverso, ele está preparado para discussões metodológicas do estudo. O dólar utilizado foi de uma taxa média de R\$ 3,31. Mas Ferreira observa que não é razoável justificar a perda de posições por causa da taxa de

Arte 1

EVOLUÇÃO DO PIB EM DÓLAR A PREÇOS CORRENTES 1998-2003

(Valores em US\$ bilhões)

1º		EUA	8.720	9.213	9.762	10.020	10.366	10.891
2º		Japão	3.941	4.494	4.765	4.141	3.936	4.133
3º		Alemanha	2.145	2.108	1.870	1.853	1.975	2.314
4º		Reino Unido	1.423	1.460	1.438	1.427	1.548	1.692
5º		França	1.452	1.444	1.305	1.310	1.408	1.664
7º		Itália	1.197	1.181	1.073	1.089	1.167	1.377
8º		China	923	994	1.078	1.157	1.233	1.342
8º		Canadá	607	650	707	695	715	798
9º		Espanha	588	602	561	583	639	768
10º		México	421	481	580	617	634	617
11º		Coreia	317	406	462	422	470	511
12º		Índia	384	405	419	436	447	508
13º		Holanda	394	399	371	384	417	496
14º		Austrália	372	406	388	369	411	479
15º		Brasil	788	531	594	517	450	456

Fonte: Globalinvest

câmbio excessivamente desvalorizada. Nem para mais, nem para menos: em 1998, o câmbio estava por volta de R\$ 1, portanto, sobrevalorizado. Naquela época, por uma distorção, o Brasil chegou a ocupar a 8^a posição no ranking. “Câmbio irreal não leva a lugar algum”.

Para calcular o PIB das 15 principais economias, foram utilizadas projeções de crescimento econômico e inflação

feitas pelo Fundo Monetário Internacional e pelo Banco Mundial. E, antes mesmo da polêmica, Ferreira já levanta poeira.

– Esse crescimento de 1,5% do PIB real de 2002 não reflete o que ocorre na economia. Há uma assimetria imensa. É o que o professor Edmar Bacha (ex-presidente do BNDES e do IBGE) chamou certa vez de Belíndia, dessa vez espelhado na

economia e não só na desigualdade de renda.

O economista diz que não é difícil notar as disparidades.

– Basta olhar para a vida real e ver que o setor exportador está muito bem, ótimo. Mas há um sem-número de empresas de diferentes setores com enormes dificuldades, principalmente as que dependem de crédito e renda. É só sair de Brasília para ver isso.

O sócio da Globalinvest sugere que, para o país voltar a crescer de forma sustentável, seria preciso reduzir a dose excessiva dos juros. Sem precisar mexer no câmbio. Mas com a taxa de juros nos níveis atuais, adverte, não há como evitar o sufocamento de empresas e pessoas físicas endividadas.

Uma taxa de juros por volta de 20% ao ano, acredita o economista, já seria suficiente para o combate à inflação, e ajudaria a impulsionar um pouco a economia.

– Sabemos que o país precisa de taxas de juros elevadas. O problema é a dose. Anteriormente já havíamos levado a política cambial ao limite. A política monetária também está no limite.

O estudo conclui que, se a economia brasileira crescer 2,3% em 2003, teremos registrado nos últimos seis anos, 1,75% em média no período. Isso é, entre as 15 principais economias do mundo, a segunda pior performance. O Japão, que está se arrastando há vários anos por conta de problemas no sistema bancário e imobiliário, ficou em primeiro lugar. O crescimento médio mundial foi de 3,1% e, dos emergentes, de 4,4% desde 1998.